



Ressignificando o olhar: uma experiência em design cerâmico com as mulheres do Grupo Flor do Barro, Alto do Moura - Pernambuco

Reframing the look: an experience in ceramic design with the women of the Flor do Barro Group, Alto do Moura - Pernambuco

Camila Wedja Francisco de Melo, graduanda, UFPE.

camila.wedja@ufpe.br

Jessyane Alves dos Santos, graduanda, UFPE.

jessyane.alves@ufpe.br

Marília Brandão da Silva Santos, Designer, UFPE.

marilia.brandaos@ufpe.br

Ana Carolina de Moraes Andrade Barbosa, Doutora, UFPE.

anacarolina.barbosa@ufpe.br

Germannya D Garcia Araujo Silva, Doutora, UFPE.

germannya.asilva@ufpe.br

[Linha temática: T4. Design artesanato]

Resumo

O presente artigo apresenta o resultado do workshop Design Cerâmico em torno da temática de joias de território para promover a criatividade e fortalecer o sentimento de pertencimento a um coletivo das mulheres do Grupo Flor do Barro do Alto do Moura em Caruaru. O desafio de fazê-las ressignificar o olhar para o barro foi um manifesto das próprias artesãs durante a execução do projeto de extensão acadêmica “Flores do Barro: mapeamento e ideação da cadeia produtiva do artesanato”. O workshop foi planejado através de oficinas com ferramentas do design para estimular a capacidade criativa e produtiva das artesãs: Ideação, Geração e Seleção de alternativas; Planejamento, Execução e Detalhamento de 10 produtos; Prototipação e Testes. A experimentação das joias de Território do Grupo Flor do Barro é uma estratégia de valorização do saber cerâmico, por meio do design e seu caráter dialógico para a sustentabilidade do Grupo.

Palavras-chave: Design Cerâmico; joias de Território; Artesanato;

Abstract

This article presents the results of the Ceramic Design workshop on the theme of territorial jewellery to

promote creativity and strengthen the feeling of belonging to a collective of women from the Flor do Barro Group from Alto do Moura in Caruaru. The challenge of making them re-signify the way they look at clay was a manifesto of the artisans themselves during the implementation of the academic extension project "Flores do Barro: mapping and ideation of the handicraft production chain". The workshop was planned using design tools to stimulate the creative and productive capacity of the craftswomen: Ideation, Generation and Selection of alternatives; Planning, Execution and Detailing of 10 products; Prototyping and Testing. The Flor do Barro Group's experimentation with Territory Jewellery is a strategy for valuing ceramic knowledge through design and its dialogical nature for the Group's sustainability.

Keywords: *Ceramic Design; Territory Jewel; Craftsmanship;*

1. Introdução

O Alto do Moura é um bairro do município de Caruaru, em Pernambuco - Brasil, situado a aproximadamente 7 km do centro da cidade. Abriga um dos núcleos artesanais mais importantes do país e ganhou notoriedade nacional a partir da projeção de um de seus mais ilustres artistas, o Mestre Vitalino. Ainda vivo, Vitalino Pereira dos Santos - Mestre Vitalino - contou com o que os moradores chamam de discípulos, artesãos dedicados à continuação de sua arte. Inspirado nas obras criadas pelo Mestre Vitalino, os temas reproduzidos pelos artesãos, que seguem sua tradição são os motivos folclóricos e que retratam o cotidiano do homem sertanejo: o bumba-meu-boi; o maracatu; as bandas de pífano; os retirantes da seca; o cangaço e os cangaceiros, como Lampião e Maria Bonita; o vaqueiro; a vaquejada; o casamento; o enterro na zona rural, etc.

A comercialização do artesanato é feita nas próprias casas e ateliês dos artesãos, o que possibilita ao bairro um roteiro turístico. Desde a primeira metade do século XX, a produção de cerâmica artística se transformou, na maior fonte de renda para a subsistência das famílias do bairro. Atualmente, na ABMAM - Associação dos Artesãos em Barro e Moradores do Alto do Moura, são registrados mais de 700 artesãos, todavia a representação das mulheres artesãs ainda é tímida na comunidade e o artesanato local não representa mais a tradição herdada por Mestre Vitalino, a maioria deles trabalha produzindo também, as peças utilitárias, as bonecas, e as obras surrealistas que seguem a estética do Mestre Galdino.

O Grupo Flor do Barro, formado em 2014 por 20 mulheres artesãs, surgiu pela intenção de maior reconhecimento do artesanato local feminino. As mulheres que compõem o grupo são, em sua maioria, filhas, irmãs e netas que compõem as famosas famílias de Mestre Vitalino e seus discípulos. A formação do grupo teve início através dos primeiros encontros que aconteceram na casa de uma das integrantes. Desde 2019 o grupo tem a sede no Espaço Cultural Flor do Barro, localizado na rua Mestre Vitalino, 227, bairro Alto do Moura em Caruaru-PE. Maria do Socorro Rodrigues da Silva e Cleonice Otília da Silva assumiram os papéis de liderança entre as colegas.

O primeiro contato com o Grupo Flor do Barro ocorreu em setembro de 2020, provocado pela Secretaria de Políticas para Mulheres - SPM de Caruaru. A secretaria havia

promovido uma oficina de Biojoias solicitada pelas próprias artesãs, com a finalidade de ampliar o uso da matéria-prima local (barro), facilitar o processo de produção e diversificar o público alvo. Assim, na tentativa de aproximar o design e o artesanato local, através da imersão na realidade deste grupo ceramista composto apenas por mulheres, foi realizado o Projeto de Extensão Acadêmica intitulado: “Flores do Barro: mapeamento e ideação da cadeia produtiva do artesanato.” O objetivo geral do projeto foi propor, por meio do design e seu caráter dialógico, estratégias de valorização de recursos para a produção e comercialização do Grupo Flor do Barro do Alto do Moura em Caruaru. Inerente ao objetivo está a premissa de que a partir das ferramentas do design é possível intervir no processo de valorização e visibilidade do artesanato de Pernambuco, visando a sustentabilidade do setor.

A Análise da Cadeia Produtiva do Grupo Flor do Barro foi investigada para compreensão do funcionamento do ambiente artesanal, a partir do rastreamento das técnicas, percursos e agentes envolvidos desde a obtenção da argila até a comercialização das peças. Um dos resultados mais interessantes foi perceber que as artesãs têm formato de atuação coletiva, fala de grupo, porém, cada uma das participantes produz, queima e finaliza suas peças de forma individual, em suas casas/ateliês (SANTOS et al, 2023). Esse resultado corrobora com os estudos de doutoramento realizados por Barbosa (2019), quando observa que a prática da atividade artesanal no bairro Alto do Moura ocorre de forma individual, apesar dos grupos familiares compartilharem espaços de criação e comercialização. Todos os artesãos e artesãs do bairro seguem a técnica da modelagem manual da argila plástica e queimam suas peças cerâmicas em fornos de baixa capacidade calorífica (< 800 °C) alimentados por madeira e finalizam as peças com pintura fria, à base de polímeros (SANTOS et al, 2022).

Dito isso, dentro do processo dialético proposto, o Grupo de artesãs declarou a necessidade de se apropriar de uma nova rotina coletiva de produção, diferenciando-se da praticada no bairro. Além do interesse em conhecer novas técnicas, ferramentas e maquinários não explorados na comunidade. Um novo pensamento que modifique o processo das formas de fazer, e esteja alinhada à manutenção sustentável de sua atividade artesanal e que ao mesmo tempo possibilite a permanência da tradição cerâmica manual.

O presente artigo apresenta o resultado do workshop Design Cerâmico com as artesãs, que visava promover a criatividade e o sentimento de pertencimento a um coletivo do grupo. O desafio foi fazê-las ressignificar o olhar para o barro em torno da temática de joias de território. A definição de joia está atrelada ao valor implícito do material, que é produzido e trabalhado com metais preciosos, e entendida como um objeto precioso. Já o artesanato pode ser aquele produzido por grupos de artesãos que valorizam a forma predominante do fazer manual e do uso de recursos e matérias-primas locais (ANDRADE, 2015).

O termo "joia de território" caracteriza o artefato que carrega técnicas tradicionais, matéria-prima local, além de conceitos e temáticas que retratam diversos aspectos culturais da região. E, portanto, reúne a preciosidade da joia e as referências territoriais do artesanato (GONÇALVES et al, 2023).

2. Procedimentos Metodológicos

O *Workshop* em Design Cerâmico é uma das ações estratégicas de aproximar o design com o artesanato, resultado da ação extensionista para o mapeamento da cadeia produtiva do artesanato do Grupo Flor do Barro (SANTOS et al, 2023). O fundamento metodológico está nas produções do Laboratório de Design *O Imaginário da UFPE* que tem como objetivo atender demandas ligadas ao artesanato e à indústria integrando extensão, ensino e pesquisa, dentro de cinco eixos: gestão, produção, design, comunicação e mercado (ANDRADE; CAVALCANTI, 2020). O workshop surge do desejo das artesãs em testar suas habilidades com a argila através de novas técnicas de produção e direciona a atenção para a dicotomia entre o trabalho individual das artesãs e o pensamento coletivo.

Tal paradoxo confronta o formato de atuação delas e o discurso comum interessado em explorar novas técnicas e formas. A criação de joias de território surge como um meio proposto pelas próprias artesãs, que representa socialmente o desejo de percorrer novos caminhos coexistentes com a tradicional arte figurativa local e o fortalecimento do posicionamento feminino do Grupo. Por isso, as oficinas foram planejadas com o intuito de ressignificar a relação das mulheres com o barro.

As ferramentas de design, tais como: ideação, geração e seleção de alternativas; planejamento de execução e detalhamento de coleção; prototipação e testes foram detalhadas em um plano de trabalho que incluiu as oficinas de criatividade, estudos de formas, montagens, pintura e acabamentos, Figura 01.

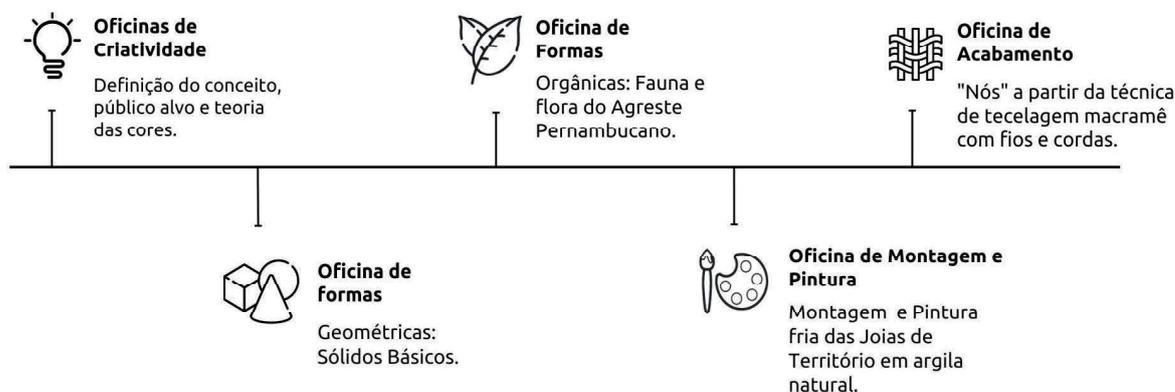


Figura 01: Diagrama do processo da realização das oficinas. Fonte: As autoras

As oficinas ocorreram em uma imersão com as artesãs durante três dias no mês de novembro de 2022 na sede do Grupo, no Alto do Moura, em Caruaru e pretendiam ampliar o repertório visual e simbólico das artesãs e colaborar para a criação do conceito da coleção e reflexão do público alvo. O estudo das cores foi inserido como conteúdo programático de criatividade para explorar as diversas possibilidades de tons além das matrizes primárias e secundárias saturadas.

Uma análise de similares com joias artesanais em cerâmica de diversos países foi apresentada como recurso didático para as oficinas de formas geométricas e orgânicas apresentando as bases para os princípios formais (LUPTON e PHILLIPS, 2008). A referida análise está disponível, em sua versão completa, no seguinte link de armazenamento de dados:

https://drive.google.com/file/d/1jyiXu3JC1Ddk-jkAnm_UpY3JZxqi5oQS/view e de maneira resumida na figura 02.

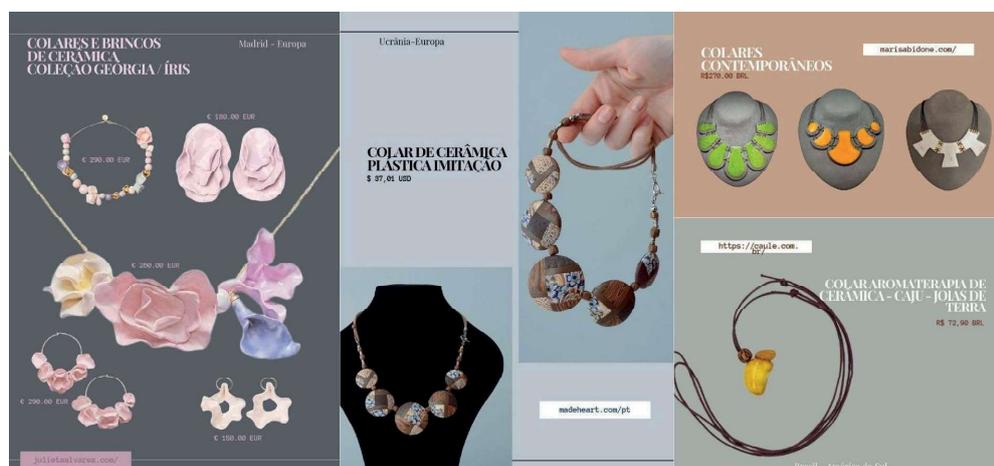


Figura: 02: A Diversidade de Adornos com a Cerâmica pelo o Mundo. Fonte: As autoras

As oficinas de montagem, pintura e acabamento foram planejadas como um processo de imersão criativa. A técnica de nós em macramê foi selecionada para os fechamentos e acabamentos das peças. Foram produzidas vídeoaulas para instrução da fabricação das peças, as quais estão disponíveis na plataforma de compartilhamento de vídeos online, o Youtube, com acesso livre através dos links: <https://www.youtube.com/watch?v=ZKMQS1myKCo>; <https://www.youtube.com/watch?v=Q-hJZozuQeo>.



Figura 03: Demonstração da vídeo aula realizada com aplicação da construção dos nós para fechamento das peças. Fonte: As autoras.

3. Resultados

No primeiro dia do *Workshop*, ocorreu um diálogo entre as artesãs e a equipe técnica do projeto de extensão sobre como e para quem elas normalmente criam suas peças. A conversa aconteceu com o suporte de revistas impressas para o reconhecimento do público-alvo das joias que elas gostariam de criar. A primeira oficina de criatividade proposta foi a de elaboração de *moodboard* ou painel semântico que é uma ferramenta visual que tem como finalidade transmitir conceitos e propostas de projetos.

A percepção de poder criar peças para uma população diferente daquelas com as quais elas costumam conviver na própria comunidade foi entendida como positiva por todas as mulheres do Grupo. Foi utilizada a técnica de observação e corte de revistas com imagens de pessoas que poderiam gostar das peças que elas desejam produzir.



Figura 04: Exposição de conteúdo sobre definição de público alvo e teoria das cores. Fonte: As autoras.

Após discussão diante das imagens que elas selecionaram, foi proposto um momento de colagem coletiva sobre papel A3. Após o estudo sobre o público-alvo, foi realizada uma conversa introdutória sobre o estudo de cor, círculo cromático, tipos de combinações, misturas de matizes e variações de iluminação, Figura 04.

As artesãs testaram inicialmente o processo de montagem de cor a partir da mistura de matizes. Na sequência, exploraram as possibilidades de iluminação de suas criações cromáticas com os níveis de cinza. Foram geradas paletas de cores, todas com os registros de suas composições, Figura 05.



Figura 05: Composição de moodboard integrado: público alvo e teoria das cores. Fonte: As autoras.

A oficina de formas geométricas proposta para ampliar o repertório figurativo do grupo a partir de formas básicas (triângulos, círculos, quadrados e retângulos), ocorreu no segundo dia do evento. As artesãs do Grupo Flor do Barro já possuem a habilidade com modelagem manual livre de formas figurativas antropomórficas e desejavam experimentar novas técnicas de fabricação com a argila, como por exemplo a modelagem plana.



Figura 06: Estudo da forma geométrica na argila. Fonte: As autoras.

As formas geométricas na argila, Figura 06, foram feitas com o auxílio de ferramentas manuais do tipo: facas, estiletes e objetos disponíveis em suas residências como tampinha de garrafa pet, copos, bacias e entre outros que possibilitasse essa configuração das formas básicas. Acredita-se que a construção de artefatos com base nos materiais disponíveis no local melhora a produtividade, a geração de alternativas, o aprendizado e torna essas oficinas um momento mais lúdico e prático.

Ainda no segundo dia, os estudos geométricos foram associados à observação da organicidade da flora do Agreste. As artesãs foram convidadas a olhar atentamente para o entorno do Alto do Moura e perceber quais formas vegetais são características da região, Figura 07.



Figura 07: Estudo da forma orgânica com a temática da flora e fauna no Agreste Fonte: As autoras.

Elas selecionaram diversas sementes, folhas e frutos que se tornaram referência formal, carimbos e outras ferramentas de trabalho. Com isso, voltaram a modelar nas suas zonas habituais da organicidade, no entanto, fora do universo das formas antropomórficas. Vários tipos da vegetação, sementes nativas e até mesmo seus corpos (antebraços) foram utilizados como ferramenta para confeccionar curvas sutis para as peças, Figura 08.

O último dia do *workshop* foi dedicado à montagem, pintura e acabamento das peças. A produção de ambas as oficinas de formas foi exposta ao grande grupo e sugerida a composição das peças de forma individual.



Figura 08: Estudo de cores e aplicação nas formas Fonte: As autoras.

Cada artesã precisava escolher os elementos para composição de suas joias e, com o suporte de uma folha de papel A4 em branco, distribuí-las para composição do conjunto colar, brinco e/ou pulseira. A estratégia de compor as peças com as duas formas geométricas e orgânicas foi o grande desafio dado para todas. Observou-se que cada artesã tem suas preferências em compor os conjuntos e essa maneira de ampliar as variáveis propostas sobre os estudos da forma ocorria com muito entusiasmo e a vontade de recriar inúmeras vezes.

Uma curadoria interna e coletiva, composta por todas as artesãs participantes do *Workshop*, foi proposta para seleção das peças que iriam compor o Portfólio do Grupo. Houve

o resgate dos exercícios de estudos de cor e as artesãs puderam concluir a pintura de suas peças, Figura 09.



Figura 09: Estudo de cores e aplicação nas formas Fonte: As autoras.

Ao final, ocorreu a oficina de nós com macramê na perspectiva de apresentar alternativas de sistema de fechos com material natural, fios e cordões, Figura 10. Fez-se inicialmente uma aula teórica sobre alguns nós com fechamento rápido, prático e ajustável; logo em seguida, uma imersão que facilitasse o traquejo e a desenvoltura das artesãs. Esse momento de recriar experiências referentes ao macramê proporcionou um entendimento de unir a produção já realizada (miçangas e pingentes de argila) em um todo, com técnicas fáceis que possibilitasse a compreensão para um passo a passo significativo. Ter essa didática que abrange novos métodos de ensino referente à arrematação da peça foi essencial para atingir um caimento que fizesse jus às joias.

Desta forma, os resultados construtivos nas peças seriam para propor um formato que mesclasse argila e fios, dando um compilado no artesanato do começo ao fim. Observou-se também, que as artesãs repetiram o processo do fechamento de nós várias vezes, e com esse ritmo de tentar múltiplas vezes, concluíram uma confecção positiva e satisfatória.



Figura 10: Estudo de nós e composição da forma Fonte: As autoras.

O macramê é uma técnica de tecelagem antiga que remete a amarração de nós em conjunto, formando um todo, sendo apropriada para várias composições no artesanato, como bolsas, colares, pulseiras, cortinas, flâmulas e outros. Os nós para pulseiras e colares foram

apresentados *in loco* e também disponibilizados em vídeo para treinamento, como citado no tópico 2 deste artigo, Procedimentos Metodológicos.



Figura 11: Testes das joias de Território Grupo Flor do Barro Fonte: As autoras.

Os protótipos das joias de território foram montados de forma individual com elementos criados de forma coletiva. O momento de culminância do *Workshop* foi a sessão de fotos das joias de território criadas e testadas pelas mulheres do Grupo Flor do Barro, Figura 11.

4. Discussões

Em uma visão geral, as artesãs participantes perceberam o *Workshop* de Design Cerâmico como positivo. Durante a avaliação do trabalho foram coletados alguns depoimentos, a exemplo do da artesã Socorro, coordenadora do grupo: “*é uma criatividade a mais, porque a gente que passa a vida toda, 60 anos, só de trabalho na figurativa, né? Ai é muito importante, é legal porque é mais uma arte*”.

Cleonice declarou:

“É uma descoberta grande, um aprendizado maravilhoso. É outra coisa entender que hoje nós estamos fazendo a joia, nós não estamos fazendo a arte figurativa, e sim uma joia com as cores que a gente aprendeu aqui, adequada justamente às joias Flor do Barro (...) é graças a sair da rotina do figurativo, da utilitária, é uma criação a mais, então isso é desafiador e muito gratificante”.

Elas também falaram sobre a importância para as novas gerações que já não demonstram interesse no artesanato tradicional: “*(...) podemos arrastar pessoas pequenas que virão, para amanhã dizer assim, se elas, umas sessentonas, puderam criar tudo isso maravilhoso, então a gente pode também*”.

Na perspectiva técnica do processo, a limitação do projeto, as joias de Território foram montadas sem a aplicação de esmalte cerâmico, e nenhum dos protótipos foi sinterizado. A argila usualmente aplicada na produção das peças cerâmicas do Alto do Moura é muito plástica, ou seja, com muita matéria orgânica na composição, de baixa resistência mecânica e não resistente a altas temperaturas de queima. As peças foram finalizadas com a pintura fria usualmente trabalhada, todavia, a pintura das peças com tinta polimérica, para a ocasião das joias de território em questão, não agrega valor ao produto cerâmico. Os esmaltes cerâmicos são tratamentos de superfície com base em vidrados e óxidos naturais que melhoram a



resistência mecânica das peças e agregam cor ao material, contudo, sendo uma tecnologia cerâmica, requer equipamentos, materiais e procedimentos específicos, a exemplo de elevadas temperaturas de queima (>900° C).

Dito isso, em um segundo *workshop* faz-se necessário o uso de argila refratária, mais material inorgânico, capaz de receber esmalte cerâmico de média temperatura (900 - 1100 °C) e uso de fornos com maior capacidade calorífica para sinterização das peças, até 1300° C.

5. Considerações Finais

A ampliação de públicos-alvos é uma possibilidade de reconhecimento da marca Grupo Flor do Barro. Além dos objetivos traçados nas ações extensionistas, uma reflexão que acompanhou todo o percurso do projeto se refere à polêmica conciliação do design com o artesanato, que, embora pareça já superado academicamente, na ocasião do Grupo Flor do Barro, distingue o debate, já que as artesãs demonstram interesse em novos modos de fazer que extrapolam a tradição da arte figurativa do Alto do Moura.

Sobre isso, concluímos que o design atua como ferramenta de fortalecimento de grupos artesãos no Brasil, fornecendo uma maneira mais otimista de olhar para o futuro, reformulando os anseios humanos como oportunidades. Assim, um artefato pode ser entendido como um produto cultural se revelar na sua materialidade, valores, significados e técnicas, referentes ao espaço e ao tempo em que foi produzido.

Sobre o risco de intervir no trabalho artesanal, Janete Costa (1932-2008) se posiciona defendendo que: “esse risco sempre vai existir”, considerando que o artesão, assim como boa parte da sociedade, também é sensível às mudanças. “Cabe a nós fazer com que eles não percam essa sua continuidade cultural, mas esse risco eu acho que temos que correr”. Para tanto, a arquiteta pernambucana atribui ao designer a responsabilidade de compreender a fundo “o espírito da tradição”, com o objetivo, acima de tudo, de melhorar a renda e as condições de vida deles. “É interferir sem ferir”.

Referências

ANDRADE, Ana Maria Queiroz de. **A Gestão de Design e os Modelos de Intervenção de Design para Ambientes Artesanais: um estudo de sobre a atuação do Laboratório de Design O Imaginário/ UFPE nas comunidades produtoras Artesanato Cana Brava – Goiana e Centro de Artesanato Wilson de Queiroz Campos Júnior - Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design. UFPE, Recife, 2015.

ANDRADE, A. M. Q. DE.; CAVALCANTI, V. P. **Laboratório O Imaginário: uma trajetória entre design e artesanato.** Recife: Zoludesign, 2020.



BARBOSA, A. C. DE M. **CADA LUGAR NA SUA COISA: Um estudo sobre os suvenires do Alto do Moura através da dimensão semiótica do design e da cultura turística.** Tese (Doutorado em Design) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.

Entrevista concedida por A CASA. Biblioteca - JANETE COSTA (1932 – 2008). Entrevistador: Daniel Douek. Publicado em 8 de Agosto de 2008, em <http://www.acasa.org.br/biblioteca/texto/176>. Acesso em julho de 2018.

GONÇALVES, Vivianne F.; SILVA, Germanya D Garcia A.; BENATTI, Lia P.; MARTINS, Laura. **A usabilidade do efêmero: os desafios tecnológicos da joalheria contemporânea na adoção de materiais alternativos.** In: II Simpósio Internacional de Ourivesaria, Joalheria e Design, 2021, vol. 9, n. 3.

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design.** Tradução de Cristian Borges. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SANTOS, Jessyane Alves dos; MELO, Camila Wedja Francisco de; SILVA, Germanya D Garcia Araujo; BARBOSA, Ana Carolina de Moraes Andrade. **Mapping of the Handicraft Productive Chain as a sustainability tool the Flor do Barro Group - Alto do Moura - Pernambuco / Brazil.** Anais do XI Encontro de Sustentabilidade em Projeto - ENSUS, p. 519 a 529. Florianópolis, junho de 2023.

SANTOS, Marília Brandão da Silva; BARBOSA, Ana Carolina de Moraes Andrade; SILVA, Germanya D' Garcia Araújo. **The Look of Design on Narrative Ceramics from Grupo Flor do Barro - Caruaru/PE.** MIX Sustentável, v. 8, n. 2, p. 143-153, mar. 2022.